

SENTIDOS DE MASCULINIDADES DISSIDENTES ATRAVÉS DO USO DO *EMOJI* DE BERINJELA NO GRINDR

Senses of dissident masculinities through the use of the eggplant emoji on
Grindr

Ruann Moutinho Ruani
Mestrando em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

rmruani@yahoo.cl

 <http://orcid.org/0000-0002-6712-9285>

Dilton Ribeiro Couto Junior
Doutor em Educação
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

junnior_2003@yahoo.com.br

 <http://orcid.org/0000-0002-5221-7135>

Leandro Teófilo de Brito
Doutor em Educação
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

teofilo.leandro@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-9123-5280>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Recorte de pesquisa de mestrado em andamento, este trabalho investiga os sentidos de masculinidades dissidentes produzidos por sujeitos *gays* que utilizam o Grindr, aplicativo de namoro/“pegação” voltado para homens que buscam se envolver sexualmente e/ou afetivamente com outros homens. O foco deste texto é discutir como o *emoji* de berinjela presente nos perfis do Grindr atuam na constituição das masculinidades dissidentes. Para isso, a pesquisa dialoga principalmente com os conceitos de masculinidade, gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva pós-estruturalista. O estudo vem sendo desenvolvido com base na análise de perfis e interações com homens no Grindr, bem como por meio de conversas *online* realizadas no WhatsApp. A conversa *online* como procedimento metodológico em diálogo com os estudos com os cotidianos reconhece os sujeitos participantes da pesquisa como coautores das reflexões tecidas durante o trabalho de campo. Dito isso, argumentamos que a conversa *online* favorece a constituição de uma relação eu-outro dentro de uma dimensão dialógica e de alteridade com os sujeitos. Embora os participantes da pesquisa vivenciem experiências sexuais dissidentes, o estudo vem apontando que esses usuários do Grindr também colocam em funcionamento e manutenção normas regulatórias de gênero/sexo para (des)valorizar determinadas masculinidades.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Sexualidade. (Cis)heteronormatividade. Grindr. *Emoji*.

ABSTRACT

Part of a master's research in progress, this work aims to investigate the senses of dissident masculinities produced by gay subjects who use Grindr, a dating application aimed at men who seek to be sexually and/or emotionally involved with other men. This text focuses on how the eggplant emoji, constantly present on Grindr bio descriptions, act in the construction of dissident masculinities. For this matter, the research mainly dialogues with the concepts of masculinity, gender and sexuality from a post-structuralist perspective. We have been developing this study through the analysis of profiles and interactions with men on Grindr, as well as through online conversations on WhatsApp. The online conversation as a methodological procedure, aligned with the everyday life studies, recognizes the subjects who take part in the research as co-authors of the reflections made during the fieldwork. That said, we argue that the online conversation favors the constitution of a me-other relationship within a dimension of dialogic and otherness with the subjects. Although research participants experience dissident sexual experiences, the study has been pointing out that these Grindr users also maintain regulatory gender/sex norms to (de)value certain types of masculinity.

KEYWORDS: Masculinities. Sexuality. (Cis)heteronormativity. Grindr. *Emoji*.

1 PESQUISANDO MASCULINIDADES DISSIDENTES NA REDE: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Como pesquisadores do campo das Ciências Humanas e Sociais, nosso desafio vem sendo questionar o que se entende como “verdade”, desde já reconhecendo o desafio de colocar em prática problematizações constantes durante o trabalho de campo e durante a escrita do texto. Na obra *A ordem do discurso*, Foucault (2011) ensina que todo enunciado se encontra inserido em um contexto mais amplo. As palavras proferidas e textos escritos estão situados em determinado contexto histórico que também é anterior à nossa própria existência. No momento em que falo há uma voz que antecede minha história. Partindo da perspectiva foucaultiana, cabe historicizar e analisar os discursos proferidos, atentando para a ideia de que as palavras que ouvimos/usamos encontram-se em uma trama complexa de relações de poder que antecedem nossas histórias e questões pessoais. A forma como falamos/escrevemos já é, por si só, uma prática de exercer o poder, o qual é conferido por instituições específicas que também se encontram inseridas em um contexto de disputas políticas constantes (FOUCAULT, 2011).

A força da enunciação e do discurso mostra-se potente quando buscamos analisar os sentidos de masculinidades dissidentes produzidos por homens *gays*. A dissidência é caracterizada pelas formas de ser/estar no mundo que desviam dos movimentos de captura (cis)heteronormativos¹ (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018), ou seja, as masculinidades dissidentes encontram-se desalinhadas com um referencial de masculinidade idealizado pela (cis)heteronorma. Apresentar uma masculinidade, nesta perspectiva, é muito mais do que dizer-se homem; é também trazer para o discurso aspectos constituintes das masculinidades que fogem aos padrões (cis)heteronormativos. Essas masculinidades dissidentes encontram-se muito presentes nas dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede, como é o caso do aplicativo de namoro/“pegação”² Grindr,

¹ O termo cis provém do latim e significa “deste lado” ou “do mesmo lado de”. No contexto específico dos estudos de gênero e *queer*, o cisgênero designa as pessoas cuja identidade de gênero corresponde com o seu sexo biológico, ou seja, pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento, diferentemente de uma pessoa transgênero. A opção pela utilização do termo deve-se à postura de quebrar com a lógica estruturalista conservadora que ainda reconhece as pessoas cisgênero como o sendo o “padrão”.

² A prática de *cruising* dá nome aos encontros furtivos entre homens em busca de aventuras sexuais, que aqui no Brasil são nomeadas culturalmente como “pegação”. O pegar, que significa tocar ou agarrar com a mão, é uma prática em que há pouco uso da comunicação verbal e um maior uso do repertório corporal para demonstrar o interesse ou mesmo olhar e pegar no pênis em banheiros públicos (GADELHA, 2015).

cujo público-alvo são homens que buscam se envolver sexualmente e/ou amorosamente com outros homens.

Em tempos de postagens, mensagens digitais e “curtidas”, a grande quantidade de conteúdos produzidos e postados confere certa visibilidade e, ao mesmo tempo, convidam a conhecer os sentidos de masculinidades produzidos por homens nessas redes. A rede é aqui entendida como a forma com a qual nos organizamos na contemporaneidade, participando cada vez mais de experiências sociais mediadas pelo digital, na medida em que trocamos “entre amigos, entre parceiros, possibilitando a dinâmica de produção colaborativa com uma intensificação da produção de conhecimentos e culturas” (PRETTO, 2010, p. 162).

Dado o exposto, o trabalho aqui apresentado, recorte de pesquisa de mestrado em andamento, busca investigar os sentidos de masculinidades dissidentes produzidos por homens *gays* que fazem uso do aplicativo Grindr. Nessa direção, o foco deste texto é discutir como o *emoji*³ de berinjela presente nos perfis do aplicativo atuam na constituição das masculinidades dissidentes. A constituição dessas masculinidades coloca em xeque os limites e as contingências das (cis)heteronormas (PARKER, 2000). Isso porque todas as formas de ser/viver que escapam às normas regulatórias de gênero evidenciam o quão frágeis são essas mesmas normas, que necessitam ser permanente reiteradas para manter a heterossexualidade no pedestal (ainda que provisoriamente) (BENTO, 2011).

O tema da masculinidade emergiu com força nos estudos de gênero no Brasil no final dos anos de 1980, especialmente nas discussões e análises sobre sexualidade, saúde reprodutiva, violência e paternidade, desenvolvidas majoritariamente em pesquisas das áreas de Antropologia, Sociologia e, sobretudo, da Psicologia Social (GIFFIN, 2005; MEDRADO; LYRA, 2008; BENTO, 2015). Nesse contexto, reconhecemos que as abordagens teóricas dos estudos sobre homens e masculinidades devem superar o enquadramento no binarismo de gênero, ampliando seu potencial de análise, em particular, pelo diálogo com perspectivas que privilegiam aspectos linguístico-discursivos na produção dos sentidos sociais do masculino.

Desse modo, uma definição importante para a masculinidade e que contemple tal perspectiva pode ser localizada em Seffner (2016, p. 177), quando o autor diz:

Os elementos do discurso, seguindo a fórmula da linguística estrutural, são definidos pelas diferenças que guardam entre si, o que nos permite afirmar

³ *Emojis* são bancos de imagens que funcionam de forma similar a pictogramas, expressando sentidos linguísticos através de imagens.

que o masculino é definido em geral como não feminino. [...]. No caso da masculinidade, esta só pode ser definida no interior das relações de gênero e sexualidade, e não será nunca uma definição cristalizada, pois é fruto de tensões, disputas e interesses próprios da cultura, e tem sua existência marcada por essas disputas de significado.

Algumas/ns autoras/es deste campo de estudos já se dedicaram a pensar os homens e a masculinidade pelas perspectivas pós-estruturalistas (BRITO; LEITE, 2017; GARCIA; BRITO, 2018; BRITO; COUTO JUNIOR, 2019; BRITO; PONTES, 2020, entre outras/os) que enfatiza a potencialidade do poder da linguagem na constituição dos sentidos do masculino. Conforme explicita Forth (2013, p. 162), “o pós-estruturalismo não rejeita o mundo material, mas insiste mais sobre a potência da materialização de diferentes discursos”. Desse modo, seguindo o que ensina Meyer (2014), buscamos desconstruir visões binárias de oposição de sentido ao frisar que a linguagem precisa ser analisada dentro de um contexto de disputas e lutas.

O texto encontra-se organizado em quatro partes. A seguir realizamos uma breve apresentação dos participantes da pesquisa, descrevemos algumas das principais características do aplicativo Grindr e discutimos teórico-metodologicamente a conversa *online* como procedimento privilegiado do estudo. Posteriormente, apresentamos e analisamos algumas conversas realizadas com os sujeitos e que giraram em torno do *emoji* de berinjela, trazendo a oportunidade de analisar a inter-relação masculinidade, tamanho do pênis e enunciação de si. Na última parte do texto tecemos algumas considerações (in)conclusivas que evidenciaram a necessidade de desconstruir a ideia de que o tamanho do órgão sexual masculino estaria diretamente relacionado à (des)valorização de determinadas formas de ser homem.

2 SUJEITOS DA PESQUISA, CONVERSAS ONLINE E O GRINDR

O estudo vem sendo desenvolvido desde 2019 com base na análise de perfis e interações com homens no Grindr, bem como por meio de conversas *online* realizadas no WhatsApp com homens que utilizam o aplicativo de namoro/“pegação”⁴. Reconhecer a conversa *online* como procedimento metodológico alinhado com uma dimensão dialógica e de alteridade abre maiores possibilidades comunicacionais com os sujeitos sem a

⁴ O primeiro autor do trabalho vem conduzindo a pesquisa de campo. O segundo autor do texto é o orientador do estudo em questão.

rigidez que muitas vezes ocorrem quando adotamos o roteiro semiestruturado (previamente elaborado) para interagir com o outro (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Apostamos na conversa como procedimento porque almejamos abandonar os tradicionais instrumentos de pesquisa, ainda muito pautados em formas rígidas de produzir conhecimento (FERRAÇO; ALVES, 2018).

A conversa *online* é um convite para que possamos conhecer melhor o outro, participar de discussões que não buscam findar, mas ampliar nossos modos de ver/sentir o mundo. Apostamos na conversa como procedimento para conhecer diferentes pontos de vista, contribuindo para alimentar as questões de pesquisa que tanto nos inquietam e que nos mobilizam a prosseguir com o estudo (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Nessa visão, os sujeitos das pesquisas são tidos como coautores de um trabalho que busca ouvi-los e interpelá-los na medida em que os conhecimentos são tecidos em rede.

Conversar em/na rede traz a oportunidade de intercambiar experiências diversas com outros sujeitos geograficamente dispersos. Rememorar experiências, afetar e ser afetado pelo outro implica nosso comprometimento de reconhecer a importância da partilha na produção de conhecimento (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017). Conforme argumenta Santos (2010, p. 47), “acreditamos que aprendemos mais e melhor quando temos a provocação do ‘outro’ com sua inteligência, sua experiência. Sabemos que temos interfaces que garantirão a nossa comunicação com nossa fala livre e plural”. Frente a isso, defendemos uma perspectiva metodológica que busca instigar/provocar o outro mediante conversas que não almejam fornecer a última palavra, mas manter o diálogo vivo no contexto de um fluxo informacional em constante movimento.

Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, foram utilizados nomes fictícios escolhidos pelos próprios. O estudo vem contando com a participação de dez homens cisgêneros gays usuários do Grindr com idades variando entre 18 e 36 anos, de diversas regiões da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Desse total, quatro participantes possuem o ensino médio completo; os demais estão cursando ou já concluíram o ensino superior. A escolha dos participantes da pesquisa se deu a partir de convites realizados no próprio aplicativo de relacionamentos Grindr, sendo ampliada posteriormente pela indicação de outros homens pelos próprios participantes da pesquisa. Tal dinâmica reitera o interesse e a disponibilidade desses sujeitos em contribuir com discussões para o prosseguimento do trabalho de campo. Para este texto, nossa análise focaliza diálogos estabelecidos com três participantes, Rodney, André e Hector, que usam o *emoji* de berinjela no aplicativo.

A escolha do aplicativo Grindr para a condução da pesquisa com homens *gays* levou em consideração a popularidade dessa rede. Lançado em março de 2009, esse aplicativo foi a primeira plataforma no mundo a conjugar a tecnologia de geolocalização, por meio de satélites, para mediar interações entre indivíduos (MISKOLCI, 2014). Cabe ressaltar que a referida tecnologia, ao operar por meio de uma rede de satélites para determinar o posicionamento de aparelhos e, conseqüentemente, de seus usuários, permitiu a oferta de serviços e conexões baseadas na localização, de modo a criar redes locais de interações. Dessa forma, o lançamento do Grindr configura-se como um marco significativo nas relações sociais mediadas por dispositivos digitais em rede, ainda mais considerando o quanto os aplicativos de namoro/“pegação” são capazes de potencializar as práticas de sociabilidade entre seus usuários.

Quanto à interface, o Grindr permite aos seus membros escolher imagens/fotos de perfil, *nickname* e idade, além de outros atributos como altura, peso e preferências sexuais. Criado um perfil, é possível visualizar outros 99 membros, entre *onlines* e *offlines*, ordenados pela distância relativa ao dono do perfil utilizado, do mais próximo ao mais distante, além de mais quinze perfis na parte superior da tela, de membros mais recentes no aplicativo, igualmente apresentados com base no critério espacial. Com as dinâmicas e mobilidades espaciais, é possível acompanhar variações nas distâncias relativas entre o referencial e outros perfis, além de visualizar as alterações de perfil na seleção disponível para interações, já que o Grindr promove constantes atualizações levando em consideração as distâncias espaciais entre os perfis.

Além disso, o Grindr permite filtros diversos, ordenando, sempre pelo critério espacial, perfis específicos, como por faixa etária, etnia ou pelo que o aplicativo denomina “tribo”, entre outros marcadores constitutivos dentro das possibilidades existentes no momento da criação ou edição da conta. Não seria demais afirmar que o aplicativo potencializa a criação de comunidades virtuais, ou seja, “agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas” (LEMOS, 2002, p. 93).

A busca em si, e não o encontro, constitui um dos principais aspectos desse tipo de aplicativo, conforme expresso por Miskolci (2014). De acordo com esse autor, as interações visando à conquista do parceiro é uma característica valorizada entre os homens *gays*, por ser entendida como um atributo relacionado a uma idealização de masculinidade. Cabe ressaltar que o ato de paquerar seguindo seus próprios critérios, para homens *gays*, é uma liberdade historicamente nova e relativamente mais fácil hoje,

com a emergência e a popularização dos aplicativos conectados em rede. Dentro da interface do aplicativo, essa paquera pode ser realizada por meio de mensagens de textos e voz de forma privada entre usuários, tentando chamar a atenção de um homem por meio do “tap”, uma espécie de “curtida de perfil”, que no contexto indica interesse no perfil de outro usuário, ou simplesmente observando os homens que estão próximos geograficamente.

3 PAPEANDO COM OS SUJEITOS SOBRE O USO DO EMOJI DE BERINJELA

Dentro das possibilidades expressas pelo aplicativo, é possível performatizar identidades por meio da construção e/ou edição de perfil, potencializando assim a interação com diversos homens. A ideia de performatizar, conforme entendida neste trabalho, apropria-se do que ensina Butler (2019), para quem inexistente um “eu” anterior à ação, sendo a possibilidade de constituição do indivíduo uma resposta ao discurso externo a si. Desse modo, o “ser” não possui sua origem em si, mas como resposta às relações e discursos formados que se estabelecem anteriormente à constituição do “eu” (BUTLER, 2019). Caminhando com esse pensamento, Spargo (2017) reitera que a heterossexualidade e a homossexualidade não são propriedades inatas, mas categorias do saber construídas historicamente.

Assim, o conceito de performatividade corrobora o entendimento de que gênero não é uma categoria estável e decorrente naturalmente do sexo, mas sim construída pela reiteração de práticas e simbologias em determinada cultura, sendo, desse modo, normatizadas (SPARGO, 2017). Por não ser uma estrutura inata ao ser, o gênero pode ser (re)construído, (res)significado e apropriado a partir das necessidades e interesses próprios, performatizando, assim, expressões de gênero normatizadas ou subvertidas, ou seja, contingentes e imprevisíveis. Dado o exposto, Butler (2019) desnaturaliza o binômio sexo/gênero, considerando-os nem verdadeiros nem falsos, mas fabricados sobre superfície do corpo. Performativo aqui se refere ao caráter de fabricação de toda identidade de gênero, pelo processo de reiteração/deslocamento das normas, diferente de uma ideia equivocada que comumente considera o performativo como uma simples “escolha de gênero, como se escolhêssemos uma peça de roupa no armário” (SPARGO, 2017, p. 44).

Nesse contexto, o Grindr, assim como outras mídias sociais, constitui-se como espaços onde são possíveis múltiplas expressões e (re)constituições do “eu”, a cada perfil criado ou enunciação proferida. Coppetti (2019, p. 147) argumenta que “nos afetos virtuais com desconhecidos, por exemplo, mostram-se as Identidades Projetadas, as impressões são administradas, ou seja, o ‘eu’ procura mostrar ao ‘outro’ apenas seus aspectos positivos”. Dessa forma, no contexto das dinâmicas comunicacionais digitais, as pessoas estão tendo a oportunidade de participar de novos agenciamentos coletivos que oportunizam (com)partilhar experiências sociais diversas, incluindo a chance de modificar a idade e assumir novos contornos identitários (RÜDIGER, 2002).

Entendemos, com isso, que um perfil *online* permite muitas possibilidades de interações; deste modo, é possível a criação e vivência de múltiplas identidades de forma simultânea (ZAGO, 2013; COPPETTI, 2009). Cabe ressaltar que, segundo Rüdiger (2002, p. 116), a possibilidade de viver “vários eus” expressa nas potencialidades do ciberespaço não se encontra dissociada das relações de poder e estruturas sociais experimentadas e desenvolvidas em nossas interações face a face. Assim, a internet não é “descolada” das práticas de sociabilidade dos espaços físicos, uma vez que os processos comunicacionais *online* encontram-se interligados com as dinâmicas sociais face a face (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014).

Ao longo da observação em campo, o *emoji* de berinjela recorrentemente chamou a atenção nos textos escritos dos perfis, mas principalmente na enunciação do perfil. Não só a berinjela como também outras imagens constituíam um código comunicacional específico no aplicativo. Nesse caso particular, o fruto enuncia um atributo físico, o tamanho do falo, e também traz em si uma segunda informação socialmente importante dentro do contexto do aplicativo: informa a outros usuários que tamanho e potência conjugam-se em uma expressão de masculinidade própria. O falo avantajado e a posição de ativo penetrante no ato sexual são centrais na constituição de uma masculinidade performatizada num modelo normalizador, pois na perspectiva da (cis)heteronorma a potência do homem associa-se ao tamanho de seu órgão genital e, por associação, ao uso que faz dele.

Conforme destacado por Rodney, um dos sujeitos participantes desta pesquisa,

A berinjela significa que a pessoa é atv [ativa] e é dotada. O pêssego, a pessoa é passiva ou tem a bunda grande. É normal. Uma forma de chamar atenção. É para quem busca apenas sexo, é uma maneira mais fácil de encontrar um parceiro.

O apelo para a indicação do tamanho ou forma da genitália conjuga-se com uma prática sexual esperada, em que papéis são reforçados, para os quais o falo avantajado deve justamente indicar a disposição de desempenhar o papel de ativo penetrante. Esses códigos criados no contexto do aplicativo remetem para um processo criativo de interação com o outro, muito embora a busca *a priori* por determinada preferência tende a impedir que outros modos de conhecer a si e ao outro sejam vividos/experimentados. Cabe aqui lembrar o trabalho de Preciado (2014), que rompe com a simplória estrutura pênis-vulva para afirmar a potência de nossos corpos na forma como nos relacionamos sexualmente conosco e com os outros. Dito isso, também reconhecemos a necessidade de que seja ampliado o entendimento sobre o que se espera de uma relação sexual entre dois homens *gays*, questionando desde já que pode-se ir muito além do ativo-passivo no contexto de uma relação penetrante-penetrado.

Em conversa com André, ele explica melhor a opção pelo uso do *emoji* de berinjela no aplicativo:

Pesquisador: E esta berinjela no perfil?

André: Para falar que sou dotado haha

Pesquisador: kkk pq? O que a berinjela tem a ver?

André: em relação ao tamanho

Pesquisador: o seu tem que tamanho?

André: 22cm

Pesquisador: hum entendi rs, e funciona, quer dizer, o perfil com a berinjela, não o seu pinto rs

André: kkk sim, os dois. As pessoas são curiosas.

Pesquisador: Vc se orgulha do tamanho?

André: Sim, muito.

Pesquisador: vc é somente atv?

André: na verdade não, prefiro ser passivo rsrs

A partir de sua experiência como usuário do Grindr, André nos fornece algumas pistas para entender os padrões simbólicos de reiteração da (cis)heteronorma, em que masculinidade e virilidade são associadas ao tamanho do falo. Ao mesmo tempo, esse homem subverte a lógica ativo-dotado x passivo ao mencionar que prefere exercer o papel de passivo com outros homens. Embora as relações sexuais que André busque no aplicativo estejam situadas em um contexto de penetrante-penetrado, ser dotado e ao mesmo tempo passivo evidencia formas variadas/inesperadas de buscar prazer,

colocando em xeque classificações simplórias que enquadram sujeitos dentro de contornos normativos que buscam reduzir as margens de liberdade. Romper com categorias fixas de ser/estar no mundo nos convida a olhar para “uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (PRECIADO, 2011, p. 18).

Na conversa *online* a seguir, André demonstra ainda que chamar a atenção para a potência do falo funciona relativamente bem, ainda que desempenhe uma prática sexual como passivo.

André: Os caras ficam curiosos, nem sei explicar direito, mas geral já quer ver um pau grande.

Pesquisador: Mas aí o que acontece? Há um desapontamento por você ser passivo?

André: Algumas vezes sim, tem uns caras que são passivos convictos, só querem mesmo dar.

André: Mas na verdade desde que coloquei a berinjela passei a receber muito mais contatos de atvs.

Pesquisador: Sério? Achei que ocorreria o contrário...

André: Pois é mas nem é assim. Tem um cara que eu saio às vezes que ele fala que adora ver e tal...

André: Gosta que fique duro enquanto estou sendo passivo.

André: Mas tb têm aquele negócio neh, por eu ter o pau grande muitos caras já chegam me considerando machão e tal...

Pesquisador: E tu?

André: Se o cara for bonitinho e tal eu pego e faço atv mesmo. Mas na real não sou machão, não tenho o perfil, mas dependendo da pra rolar. Só fingir que é comedor, a maioria na verdade faz isso, poucos são só atvs, fazem só tipo.

André afirma que é possível performatizar múltiplas masculinidades, mas também mostra o potencial das interações digitais em rede, em particular do Grindr, em facilitar a expressão de práticas, desejos e identidades conforme os interesses de seus participantes. A construção e edição do perfil no aplicativo permite visualizar essa constante mutabilidade do “eu” nas interações com o outro. Por várias vezes as informações do perfil de André no Grindr eram alteradas, incluindo o *nickname*, as preferências sexuais (versátil, passivo) e a descrição do que desejava naquele momento (sexo casual, relacionamento sério). Essa é uma das características das redes: poder mudar constantemente os *nicknames* com base nas necessidades e demandas de um usuário que se encontra em constante contato com outros usuários (COPPETTI, 2009).

Tal processo de ressignificação e recontextualização da identificação, performatizado por André no Grindr, remete a um contexto de desidentificação com as normas sexuais que buscam fixar masculino e desejo (heteros)sexual dentro de um quadro estável. Desse modo, como afirma Butler (2019, p. 244), as noções de sexo essencial e de masculinidades (e feminilidades) verdadeiras e permanentes são estratégias sociais que buscam ocultar o caráter performativo do gênero “fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória”. Desse modo, as contínuas alterações de perfil de André no Grindr são uma resistência potente ao enquadramento da masculinidade – até mesmo da masculinidade homossexual – em um sentido estabilizado. As normas repetidas/deslocadas configuram os processos de identificação da masculinidade performatizados por André e que são atravessados por contingências que dão sentidos à dissidência nas experiências do sujeito.

A informação apresentada por André, quando afirma que o tamanho do seu órgão genital o relaciona a uma virilidade esperada, a do “machão”, fornece algumas considerações sobre a relação entre virilidade e falocentrismo. Para Zago (2013, p. 423), a exposição fálica nas relações entre homens *gays* que interagem na rede em busca de parceiros reforça a inversão entre face e falo, uma vez que “as partes íntimas de macho são pré-condição para a existência e reconhecimento da face de homem”. Dito isso, o órgão genital (e não o rosto) passa a ser o referencial imagético da representação do indivíduo. Desse modo, quando alguns usuários do aplicativo almejam que André seja o “machão”, esse imaginário do “macho-avantajado-ativo” é idealizado baseado nas informações fálicas apresentadas pelo sujeito no seu perfil do Grindr. Seu pênis grande, representado pelo *emoji* de berinjela, associa-o a uma masculinidade possuidora de uma virilidade específica, a qual possui correspondência na imagem construída em torno de seu pênis.

Por fim, a seguir apresentamos uma conversa com Hector, outro homem que faz uso do Grindr e discute a relação entre berinjela, prática sexual e papéis esperados nas relações homoeróticas:

Pesquisador: Vi que no seu perfil você diz que busca [emoji de berinjela].

Hector: Isso, gosto de homem com pegada.

Pesquisador: Mas e a berinjela?

Hector: A poh, é que representa o pau do cara srsrsrs

Pesquisador: Mas tem que ser grande?

Hector: Rrsrsrs, não nem precisa. Sei que eles usam isso aqui [a berinjela] para dizer que são dotados, mas o importante é ser macho.

Pesquisador: Mas ai têm relação? Digo macho x berinjela x dotado...

Hector: Mais ou menos neh, tipo não precisa ser dotado pra ser bonzão nem macho, na real nem gosto de caras muito grandes [referência ao tamanho do membro], mas sei lá a berinjela parece que o cara é mais macho, atv com pegada. O mais importante é saber usar muito bem o tamanho que for rrsrsrs

Em sua fala, Hector afirma que “o importante é ser macho”. Porém, nos traz certo estranhamento essa afirmação, porque ser macho varia com o tempo e espaço e depende do referencial de masculinidade. Hector argumenta quanto à relação entre tamanho do pênis x virilidade, apontando que o pênis não precisa ser avantajado, mas o detentor dele precisa performatizar uma masculinidade esperada, a de “macho”. Recorremos novamente a Zago (2013, p. 426), para quem “o sentido forte da expressão macho só é possível porque está ligado à norma heterossexual instituída”. Essa expectativa de papel, a de busca de um companheiro “macho”, é entendida e pensada, portanto, dentro do padrão (cis)heteronormativo dualista (BUTLER, 2019). A berinjela, ainda que fortemente relacionada à enunciação de um órgão sexual avantajado, também funciona como marcador de uma masculinidade normativa, “já que essa porção orgânica do corpo seria supostamente aquela que carrega a prova mais material do sexo macho” (ZAGO, 2013, p. 427). O pênis, desse modo, ainda converte-se em elemento focalizador de uma masculinidade embasada na (cis)heteronorma, mantendo o dualismo entre ativo-penetrante e passivo-penetrado.

Desse modo, por um lado os relatos apresentam uma relação estereotipada entre masculinidade e tamanho do órgão genital, interconectando o corpo masculino aos conceitos de virilidade e masculinidade, tal como apontado por Bourdieu (2016). Por outro lado é evidenciado um entendimento sobre as múltiplas possibilidades de ser homem *gay* como também de desvinculação entre prática sexual e o tamanho da genitália do sujeito. Essa infinidade de formas e estratégias de se constituir/identificar como homem *gay* revela a complexidade das relações de poder constituinte das interações entre os sujeitos no aplicativo. Ademais, não podemos desconsiderar a perspectiva butleriana, que argumenta que o gênero é performativo pela forma como falas/atos/gestos reiteram-se cotidianamente com base em normas que buscam enquadrar sujeitos em categorias restritas alinhadas com a heterossexualidade reprodutora (BUTLER, 2019).

Se em primeiro momento a berinjela enunciava não apenas o tamanho do pênis, mas também papéis programados, dicotômicos, nas relações sexuais entre dois homens, podemos perceber também, após contato com os sujeitos, que o *emoji* de berinjela é muitas vezes ressignificado, apontando que o falo, embora tenha destaque, não se limita à prática de penetração durante o ato sexual. Assim, chamar a atenção para o tamanho do pênis por meio do *emoji* de berinjela no Grindr não se limitou a reiterar o modelo (cis)heteronormativo dominante. Ainda que rompida a relação entre tamanho do órgão genital e o papel erótico desempenhado, a genitália masculina e suas representações seguem evocando uma simbiose entre masculinidade, potência sexual e virilidade física.

4 PESQUISA NA REDE EM TEMPOS DE APLICATIVO DE NAMORO/“PEGAÇÃO”: PARA NÃO CONCLUIR

A emergência e a popularização da internet têm por característica central a intensificação do uso das redes sociais e o desenvolvimento da tecnologia em aplicativos móveis, permitindo com isso a criação de redes de sociabilidade entre indivíduos geograficamente dispersos, construídas por meio de interações constantes e interesses em comum (SANTAELLA; LEMOS, 2010). Cabe também ressaltar que as interações inauguradas pela cibercultura permitiram o protagonismo – e não apenas o acompanhamento narrativo – de cada indivíduo conectado em rede (LIMA, 2009).

Dessa forma, as múltiplas possibilidades expressas pela criação de um perfil e as interações com indivíduos conectados por meio de dispositivos móveis com acesso à internet configuram-se como uma das características da sociedade em tempos de práticas sociais mediadas pelo digital em rede (SILVA, 2012; SANTAELLA; LEMOS, 2010; LIMA, 2009). Dito isso, não podemos negar que o ciberespaço é constituído por uma infraestrutura técnica promissora para a promoção de práticas afetivas atravessadas pelo compartilhamento de experiências (LIMA, 2019). A potência das redes nos processos de sociabilidade e subjetividade é um indicador de mudanças significativas na forma como as masculinidades são constituídas na contemporaneidade. Sobre isso, destacamos as palavras de Silva Junior e Brito (2020, p. 177): “a sexualidade na era da mobilidade ampliada tem construído diversos caminhos e possibilidades nas vidas dos sujeitos e na construção de suas identidades”. Cabe refletir, então, sobre os efeitos das tecnologias

digitais na vida afetiva/amorosa de pessoas que buscam parceiros por meio de aplicativos que são facilmente instalados em *smartphones*.

A intenção com este trabalho foi discutir processos de constituições de masculinidades dissidentes, entendidas aqui como sendo aquelas que subvertem as relações dicotômicas masculino x feminino. Para tanto, partimos do entendimento de que, conforme postula Butler (2019, p. 59), o gênero “não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”. Assim, transitamos por entre normas e transgressões nas expressões de masculinidades performatizadas por homens que utilizam o aplicativo Grindr.

Dado o exposto, foi possível perceber que a enunciação de masculinidades por meio do *emoji* de berinjela no Grindr ainda encontra na representação fálica sua expressão máxima de potência e virilidade. Bourdieu (2016) aponta para a existência de uma lógica falocêntrica na constituição das relações entre indivíduos cuja virilidade e masculinidade vinculam-se simbolicamente a atributos fálcos e, em última análise, ao próprio pênis, o qual se constitui como parte do “corpo socializado” que estabelece relações de dominação regidas pela lógica androcêntrica. Nas palavras do autor, “a diferença anatômica entre os órgãos sexuais pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (BOURDIEU, 2016, p. 24). Assim, enxergamos a representação do *emoji* de berinjela como reprodução de uma dominação simbólica, enunciando virilidade e masculinidade por meio da representação fálica. Nesse contexto, cabe ressaltar que, dentro das redes de namoro/“pegação”, muitos usuários “acabam por inverter a exposição de seus corpos: escondem suas faces e fazem de seus pênis os seus Rostos” (ZAGO, 2013, p. 429). De acordo com o autor, o Rosto é empregado com letra maiúscula pois expressa um sentido mais amplo do que a simples representação facial. Em perfis de *sites* de relacionamento, principalmente os destinados a homens *gays*, Zago (2013) defende que o Rosto tende a impregnar uma identidade ao corpo, a qual estaria fortemente associada à sexualidade.

Portanto, é no pênis que recai o imaginário de constituição de identidade e expectativas com o outro, o interlocutor, que, no caso desses perfis, são enunciados, mas não necessariamente reiteram práticas (cis)heteronormativas. A lógica estabelecida sob o postulado da violência simbólica apresentada por Bourdieu (2016) é de incorporação e reiteração de relações (cis)heteronormativas na regulação das interações entre os homens que interagem com outros homens pelo Grindr. Assim, “as concepções

tradicionais acerca dos papéis sociais, apesar de esvaziadas de conteúdo, são reinscritas ao invés de subvertidas nas práticas mais comuns em curso no ciberespaço, ainda que se abram várias vias para a experimentação das identidades” (RÜDIGER, 2002, p. 125).

O estudo vem apontando que os sujeitos colocam em funcionamento e manutenção normas regulatórias de gênero/sexo para (des)valorizar determinadas masculinidades. A partir de conversas *online* estabelecidas com os homens participantes do estudo, os que utilizam o *emoji* de berinjela como forma de enunciação em seus perfis também encontram formas de subversão da (cis)heteronorma. Se a centralidade dos falos foi observada e mantida nos discursos, o mesmo não pode ser dito das interações observadas e esperadas.

Recorremos então a Butler (2019) e entendemos que o gênero não está restrito aos limites binários característicos da ordem dominante descrita por Bourdieu (2016). Desse modo, ao mesmo tempo que esses homens recorrem ao binarismo simbólico do falocentrismo, reconhecem tal prática como estratégia para a vivência de uma prática sexual que rompe com o padrão binário de gênero. Se o destaque à potência do pênis reforça o papel de ativo penetrante e reproduz a lógica da dominação masculina reproduzida nas relações homoeróticas (BOURDIEU, 2016), as múltiplas possibilidades possíveis de vivência sexual e performance de gênero não se limitam ao binarismo estruturante.

Dessa forma, é possível observar, tanto nos perfis quanto nos relatos dos membros do Grindr, a reiteração de normas e padrões de gênero. No entanto, não podemos desconsiderar que todo “processo de normatização fornece a pauta para as transgressões, já que essa repetição e reiteração impostas pelas matrizes heterossexuais inteligíveis não se processam de maneira plena” (SILVA JUNIOR; BRITO, 2020, p. 182). Temos, assim, as possibilidades de enunciar e se orgulhar do tamanho e potência de seu falo e ao mesmo tempo preferir uma prática sexual como passivo/penetrado, incorporando e ressignificando a tríade sexo-gênero-desejo.

Longe de fornecer respostas conclusivas às questões apresentadas, o diálogo com os sujeitos da pesquisa convida a uma busca por algumas entradas de problematização importantes no campo de estudos de gênero e sexualidade. Como pesquisadores interessados nas dinâmicas sociais do digital em rede, não podemos negar o desafio de olhar atentamente para os processos de sociabilidade de homens *gays* que buscam parceiros na internet. Frente a isso, consideramos importante desconstruir a ideia de que o tamanho do órgão sexual masculino estaria diretamente relacionado à valorização da

masculinidade normativa, lógica que vem sendo muito presenciada durante o desenvolvimento da pesquisa de campo.

Embora os sujeitos experienciem práticas sexuais dissidentes uma vez que marcam encontros com outros homens via Grindr, por outro lado o *emoji* de berinjela também pode reiterar a força das normas regulatórias quando o tamanho do falo é associado a uma masculinidade viril e desejada, que (super)valoriza o sujeito-gay-ativo em relação ao sujeito-gay-passivo. Dessa forma, investigar os sentidos de masculinidades dissidentes performatizados com base nas apropriações do *emoji* de berinjela no Grindr vem evidenciando a necessidade de questionar padrões corporais, de gênero e sexuais impostos pelas (cis)heteronormas.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/1VWhF9m>>. Acesso em: 29 out. 2018.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: EDUFRN, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kuhner. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BRITO, Leandro Teofilo de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 11, p. 284-302, maio/out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2O8Pdn6>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

BRITO, Leandro Teofilo de, LEITE, Miriam Soares. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3b5Eraw>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BRITO, Leandro Teofilo de; PONTES, Vanessa Silva. Sentidos da masculinidade em Praia do Futuro: performatizações em cena. **Textura**, Canoas, v. 22, p. 22-40, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2y3eFFn>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução de R. Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COPPETTI, Ligia. Formação de identidades como resultado da interação virtual. In: Semana de Letras PUCRS - Edipucrs: 9., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2009. p. 145-156. Disponível em: <<https://bit.ly/2XAESWL>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zRX7KV>>. Acesso em: 26 out. 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 55-74, maio/out. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2P5JGw6>>. Acesso em: 2 out. 2018.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. “Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”: a relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Orgs.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Paraíba: EDUEPB, 2014, p. 167-184. Disponível em: <<https://bit.ly/2wcJuWP>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade 3**. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 154-186.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GADELHA, Kaciano Barbosa. Para além da “pegação”: performatividade e espacialidade na produção de materialidades sexuais online. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 56-73, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3eaNSaK>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teofilo de. Performatizações queer na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, p. 1.321-1.334, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2RvFd9j>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 47-57, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2JWsloj>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LIMA, Aline Soares. Da cultura da mídia à cibercultura: as representações do eu nas tramas do ciberespaço. In: III Encontro de pesquisa em comunicação e cidadania, 2009. **Anais...** Goiânia: Mestrado em Comunicação da UFG; Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Cidadania – PUC/GO, 2009, p. 1-12.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2xZNRpE>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014, p. 49-63.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2VmiFZs>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. “**Os olhos tristes da fita rodando no gravador**”: as **tecnologias educacionais como artesanias docentes discentes**. 2018. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 89-109.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões *queer*. notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2HVDQNY>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

PRETTO, Nelson De Luca. Professores universitários em rede: um jeito hacker de ser. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXII, n. 34, p. 156-169, jun. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2G7uf31>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura**: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação. São Paulo: Hacker, 2002.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 21-40.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (Orgs.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak, 2010, p. 29-48.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; BRITO Leandro Teofilo de. Entre nudes, acontecimentos e performatizações: normatizações/deslocamentos de gênero e sexualidade no cotidiano escolar. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 175-188, mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2XkeHTT>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

SILVA, Weslei Lopes da. Representações e vivências do corpo feminino em interações sexuais pagas no ciberespaço. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - Anpocs: 36., 2012, Águas de Lindoia. **Anais...** São Paulo: Anpocs, 2012. p. 01-30. Disponível em: <<https://bit.ly/2yHKPqa>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer, seguido de Ágape e êxtase**: orientações pós-seculares. Tradução de Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ZAGO, Luiz Felipe. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade *gay online*. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 419-431, jun. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/39WgdOH>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

NOTAS

Ruann Moutinho Ruani

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF), Rio de Janeiro, Brasil.

rmruani@yahoo.cl

<http://orcid.org/0000-0002-6712-9285>

Dilton Ribeiro Couto Junior

Doutor em Educação

Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ, Rio de Janeiro, Brasil.

junnior_2003@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-5221-7135>

Leandro Teofilo de Brito

Doutor em Educação

Professor Adjunto da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil.

teofilo.leandro@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9123-5280>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua General Manoel Rabelo, s/n - Vila São Luís, CEP: 25065-050, Duque de Caxias, RJ – Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: R. M. Ruani, D. R. Couto Junior.

Coleta de dados: R. M. Ruani

Análise de dados: R. M. Ruani, D. R. Couto Junior, L. T. Brito.

Discussão dos resultados: R. M. Ruani, D. R. Couto Junior, L. T. Brito.

Revisão e aprovação: R. M. Ruani, D. R. Couto Junior, L. T. Brito.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Javier Ignacio Vernal, Silmara Cimbalista e Selvino José Assmann (In Memoriam).

EDITOR ASSISTENTE: Eixo temático: (Re)discutindo sexualidade: corpo, prazer e desejo em tempos conservadores

Luiz Barp

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 20-04-2020 – Aprovado em: 15-03-2021 – Publicado em: 22-03-2020